



# APRESENTAÇÃO

## DOSSIÊ - CENTENÁRIO MICHEL HENRY

Organização:

Prof. Dr. Silvestre Grzibowski (UFMS)

Dr<sup>a</sup>. Janilce Silva Praseres (UBI/PRAXIS)

Dr. Marcelo Ramos Saldanha (Faculdades EST)

No dia 10 de janeiro de 2022, assinalou-se o centenário de nascimento de Michel Henry (1922-2002), reconhecido filósofo e fenomenólogo francês que possui um espaço ímpar na filosofia de expressão francesa. Neste mesmo ano completaram-se, ainda, 20 anos da sua morte. Naturalmente, estas datas são apenas oportunidades extrínsecas, meros recordatórios do filósofo francês, no Brasil e no Exterior, para que não esqueçamos a importância filosófica do seu pensamento. No sentido de celebrarmos o pensamento de Michel Henry e a repercussão do conjunto de toda a sua obra, que vai da filosofia à literatura, nasceu a vontade de construir e apresentar um dossiê dedicado ao pensamento henryano, por ocasião do seu centenário.

Por diversas razões podemos julgar Michel Henry como um fenomenólogo, sobretudo, de cariz radical, principalmente quando voltamos a nossa atenção para o seu modo de colocar frente a frente verdades estabelecidas, como, por exemplo, ao questionar o modo de apreensão da própria intencionalidade, em que considera que, se a intencionalidade revela tudo, então, como é que ela própria se revela? Trata-se claramente de uma pretensão crítica da própria fenomenologia, que busca não apenas estabelecer uma fenomenologia em sentido não intencional, mas também elucidar a própria questão do aparecer, o aparecer enquanto tal, a fenomenalidade do fenômeno.

Neste sentido, ler Michel Henry é reclamar o seu lugar na filosofia por excelência, na empreitada de lançar, de voltar o olhar filosófico para a questão da Vida, que não é meramente um conceito abstrato ou biológico, mas trata-se profundamente de uma existência absoluta em que só um vivente a vive, numa interioridade fenomenológica, em que o leitor de Michel Henry é remetido, em suas últimas obras, para uma *Fenomenologia da Encarnação*, que se propõe a estabelecer o que está



implicado em uma *Arqui-Inteligibilidade*, ou seja, na autodoação da Vida absoluta em sua efetividade patética de sua Ipseidade.

Deste modo, reler Michel Henry é também, na nossa circunstância filosófica, procurar tanto a proximidade como a distância que são indispensáveis para qualquer processo de leitura e análise crítica de um texto filosófico, do pensamento de um filósofo e, de modo especial, no que se refere aos temas centrais que emergem de sua obra, como é o caso da questão da vida, do corpo, da carne, da fenomenalidade, de uma ética, da não intencionalidade, entre outros.

Seguir a trajetória filosófica Michel Henry implica, assim, um significativo coligar de referências primárias e secundárias, levantamento que, espera-se, possa congrega um significativo *corpus*, que, no sentido de M. Henry, podemos chamar ‘Fenomenologia’, mesmo quando nos possa surgir estranhamente ‘invertida’. Desta feita, as questões emergentes do pensamento henryano, nas palavras do próprio Michel Henry, devem ser trabalhadas com um “duplo olhar”. Ou melhor, resultam elas mesmas da duplicidade ou da dualidade do próprio aparecer: no mundo ou na Vida; no corpo e/ou na Carne – apenas para referir estas duas polaridades fundamentais em que se move a sua filosofia.

A busca fundamental de Michel Henry é, assim, pelo fenômeno originário e puro constituído pela Vida nela própria e reclama o lugar desta no seio do pensamento.

O texto apresentado por Ana Paula Rosendo, intitulado *A Mística como método: leituras a partir da fenomenologia material de Michel Henry*, traz-nos um diálogo estreito entre Michel Henry e aquele que exerceu uma das maiores influências sobre o seu pensamento: Mestre Eckhart ou Eckhart von Hockheim, conhecido como Meister Eckhart, de origem alemã, teólogo, filósofo e místico da ordem dos frades dominicanos (Ordem dos Pregadores), em que se propõe a seguir a via da mística como acesso à imanência ou ao “fundo” da nossa alma.

Nilo Ribeiro Júnior, no texto *Da barbárie do discurso do mundo à fenomenalidade da vida: a linguagem (in)direta da revelação em Michel Henry*, leva-nos ao diálogo em que tira a vida do esquecimento a ponto de se poder reabilitar o Logos que se faz carne como linguagem (in)direta da revelação, uma vez que a vida resiste terminantemente à transparência do conceito. Em que a revelação se contrapõe a toda forma de linguagem direta e violenta contra a vida, fruto da idolatria da Razão que subjaz a certos discursos científicos, filosóficos e teológicos da atualidade.



Marcelo Fabri traz-nos no texto *Do sofrimento à alegria de viver: Michel Henry e o imaginário gnóstico de nossa época*, uma leitura sobre uma “gnose” presente na fenomenologia henryana, compreendida como um “saber” que se dá pelo acesso a *si mesmo* sob a forma de um sentir originário. Todavia, esta “gnose” representa uma enfática recusa de qualquer visão pessimista da vida e da aventura humana, em que encontramos uma conexão originária entre o fruir e o sofrer, de tal modo que tudo aquilo que, em nós, evoca o sentimento de felicidade e infelicidade encontra nessa conexão a sua condição de possibilidade.

O texto *O fascismo como redução transcendental do humano e a sua superação pelo amor, em Michel Henry*, apresentado por Américo Pereira, busca a compreensão do movimento fascista que é o resultado ontológico de uma forma perversa de relação política, com fundamento num ato ético, na qual um ser humano diminui a grandeza ontológica própria de um outro ser humano. Pode-se, assim, perceber como é justo dizer, com Henry, que, “Assim sendo, todo o fascismo adquire um laço essencial com a morte”.

O texto apresentado por Hernán G. Inverso, *La crisis terminal de la cultura: Una mirada a partir de los aportes de Michel Henry*, propõe uma argumentação sobre a noção de “crise” que Husserl enuncia nas Lições de Viena que será redirecionada para a de “barbárie”, recebida na filosofia de Michel Henry. Destaca a necessidade de rever a subjetividade e sua associação com representação e intencionalidade, e de ver como Henry sugere repensar a alteridade e os parâmetros da apresentação noemática, para revelar o escopo da crise cultural delineada por M. Henry.

O texto de André Anéas Oliveira, *A imaginação teológica e a fenomenologia da vida*, apresenta-nos um diálogo entre o pensamento de Winnicott e Henry para uma aproximação que contribua no processo da compreensão do pensamento de Michel Henry na clínica, bem como uma ampliação daquilo que se compreende como desdobramentos para uma clínica psicológica reposicionada pela fenomenologia da vida.

Apresentado por Gilliano J. M. de Castro e Andrés E. A. Antúnez, o texto *Winnicott e Henry: diálogos sobre a vida e a clínica*, busca pensar como a aproximação destes dois autores contribui para o processo da clínica. Pretende, assim, explorar o conceito de saúde e a sua possível aproximação à categoria henryana de *épreuve de soi* (*provar-se a si mesmo*), discutir o conceito de integração e



personalização para uma reflexão da clínica por meio da fenomenologia da vida que possa contribuir para ampliar a compreensão da própria ação clínica.

Marcelo Ramos Saldanha e Ivan Kiper Malacarne apresentam o texto intitulado *O que pode um corpo brincante?*, que propõe uma reflexão a partir de Michel Henry e Rubem Alves, levando em consideração o corpo como elemento em comum, com o objetivo de desenvolver uma teologia da brincadeira. Nele há uma afirmação do corpo e do brincar como princípios epistemológicos no labor teológico de Rubem Alves e uma associação desta análise com o paradigma da encarnação na Fenomenologia da Vida de Michel Henry.

Por Carlos J. Hernández e Karin H. K. Wondracek, o texto *Michel Henry, leitor da Bíblia: um ensaio teopoético* estabelece uma abordagem teopoética, particularmente a partir das obras henryanas *Eu sou a Verdade* e *Palavras de Cristo*. Define Michel Henry como um leitor das escrituras sagradas (não de forma devota), que não escapa da imanência de um fenômeno sagrado, parte de uma gramática fenomenológica manifesta no invisível da subjetividade do Self (do si mesmo) que se torna impossível desconhecer.

O texto *A ideia da fenomenologia em Michel Henry*, apresentado por Janilce Silva Praseres, apresenta o posicionamento henryano de compreender a fenomenologia no que toca a sua questão mais profunda: a fenomenalidade do fenômeno, o seu aparecer enquanto tal, definindo, de tal maneira, uma nova abertura para a fenomenologia, a tarefa de invertê-la por dentro, ao propor assim uma inversão fenomenológica.

Intitulado *A influência do gnosticismo cristão na filosofia de Michel Henry*, o texto de Bruno dos Santos Queiroz e Tommy Akira Goto nos traz uma leitura sobre uma compreensão henryana do Cristianismo que se distancia da visão tradicional e convencional. Destaca um conjunto de teses comuns compartilhadas pela filosofia henryana do Cristianismo e o Gnosticismo, movimento que surgiu no século II e que defende a tese de que o mundo material é mau.

Por Silvestre Grzibowski, o texto *Fenomenologia Material de Michel Henry: um estudo sobre a subjetividade e a intersubjetividade*, busca mostrar a fenomenologia material a partir da subjetividade e da intersubjetividade, em que a mesma tem o seu começo absoluto na vida originária de cada Si. E expõe ainda como o ato de afeto do Si implica a realização e o crescimento do Si e outros na relação intersubjetiva, em que se manifesta na cultura.



O texto de Samuel Dimas, intitulado *A metafísica da manifestação em Michel Henry: presença na imanência integral da realidade ou na imanência afetiva do cogito e da vida?*, busca apresentar um diálogo com a fenomenologia da vida de Michel Henry com o intuito de identificar de que forma se dá a manifestação do ser transcendente de Deus na imanência histórica do mundo. Pretende, ainda, identificar se esta ontologia fenomenológica henryana não encerra um dualismo gnóstico pelo fato de não considerar o cosmos como manifestação do Absoluto.

Apresentado por Karin Hellen Kepler Wondracek, o texto *Do dobrar-se sobre o seu próprio solo... convite à Fenomenologia da Vida de Michel Henry em tempo de catástrofe climática* traz uma aproximação dos conceitos da obra henryana a questões ecológicas presentes e preocupantes na atualidade. Para tanto, busca alguns aspectos do pensamento do ecofilósofo David Abram em relação à sensibilização de nossa carne para o co-pertencimento à Terra. Aborda, ainda, o pensamento da jornalista Eliane Brum, na obra *Banzeiro-Òkòtò*, que trata do processo de “florestar-se” no contato com as populações da Amazônia e as ameaças à destruição, relacionado aos processos de esquecimento da vida e aos descaminhos anunciados por Henry em *A barbárie*.

Por Frédéric Seyler, o texto sob o título *Democracia e religião na fenomenologia da vida de Michel Henry* mostra a compreensão do modo utilizado por Michel Henry para abordar a questão política. Trata-se, sobretudo, de uma atitude *genealógica*, na medida em que a política é considerada como fundada no domínio pré-político da práxis individual. Esta abordagem opõe-se, desde logo, a toda teoria que construa o indivíduo como determinado por uma totalidade, seja ela social, econômica ou política.

A partir do livro *Introdução à fenomenologia do invisível*, de Marcelo Fabri e Silvestre Grzibowski, temos a resenha intitulada: *Como pensar a fenomenologia do invisível?*, por Janessa Pagnussat, que nos apresenta as diferentes perspectivas sobre a questão do invisível, em que encontramos a fundamentação da obra a partir dos pensamentos de Emmanuel Levinas, Jean-Luc Marion e Michel Henry. A resenha mostra-nos como a obra configura uma nova forma de pensar a fenomenologia na atualidade para além da esfera do visível.

O texto de Miguel García-Baró, *Uma nota sobre o metafísico na ontologia fenomenológica de Henry, com a demonstração de que há mais confluências das habitualmente reconhecidas entre fenomenologia radical e ética como uma ótica da filosofia primeira em Levinas*, apresenta uma articulação entre o pensamento henryano



e levinasiano para o entendimento de que o ser humano tem uma relação *direta e imediata* com o absoluto, isto é, com a verdade *além de toda hermenêutica*.

A organização deste Dossiê apresenta, ainda, a tradução de *Souvenirs de Michel Henry* (Memórias de Michel Henry), que são breves notas que constituem recordações pessoais de Roland Vaschalde, que acompanhou as intervenções de Michel Henry no Congresso Cerisy-la-Salle, na Normandia, França, em setembro de 1996. Ele gentilmente nos possibilitou publicá-las.

Com estas contribuições, que versam sobre os temas pertinentes que afloram a partir do pensamento de Michel Henry, o presente Dossiê visa propor a compreensão da dinâmica do caráter intrínseco da filosofia henryana, que não deixa de revelar-se decisivo para a compreensão da nossa existência, da nossa condição de viventes, que, por mais rechaçada que seja, invade os domínios da filosofia, da cultura, das artes, da literatura, da política, da ética e confere a essa compreensão uma determinação fenomenológica originária e radical, que não pode ser esquecida.

A Organização